

## Processos interpretativos criativos e perceptivos em análise musical

Adriana Lopes Moreira (USP)

**Resumo:** Tendo como foco o processo criativo que envolve curiosidade, prazer, um acúmulo de conhecimento, um desenvolvimento de habilidade e de disciplina, boa fluência e flexibilidade de pensamento, originalidade e elaboração, processos envolvidos na sensibilidade e musicalidade da aplicabilidade metodológica, consideramos a análise musical enquanto estudo autônomo e processo interpretativo de compreensão musical.

### **Interpretative processes creative and perceptive involved in musical analysis**

**Abstract:** regarding the creative process, that involves curiosity, pleasure, a knowledge accumulation, a development of skills and discipline, good flow and flexibility of thinking, originality and elaboration, that are processes evolved in sensibility and musicality of methodological approach, we consider musical analysis as an autonomous study and as an interpretative process of musical understanding.

No primeiro *Encontro de Teoria e Análise Musical*, em 2009, procurei contextualizar a análise musical enquanto estudo autônomo e processo interpretativo de compreensão musical – que parte da música em si, focando a compreensão do relacionamento entre a superfície e a estrutura musical – necessário à sua inter-relação com outros campos de estudo da música, como teoria da composição, estética musical, crítica, história da música, composição e *performance* musical. Observei que, muitas vezes, estudos tidos por seus autores como “análise musical”, ou “análise” traziam como conteúdo abordagens que seriam mais bem acomodadas em algum dos outros campos de estudo citados.

Atualmente, tenho trabalhado como editora das publicações da ANPPOM - revista OPUS e série Pesquisa em Música no Brasil - assim como tenho sido Coordenadora Científica dos dois últimos Congressos da ANPPOM e venho observando que a maioria das subáreas vem se fortalecendo e favorecendo um início de diálogo entre as subáreas, o que vínhamos almejando há algum tempo.

De maneira geral, os trabalhos de análise musical têm trazido referências bibliográficas amplas, boa revisão bibliográfica, e boa ou razoável aplicação de técnicas de análise vigentes nacional e internacionalmente em nossa subárea.

Por outro lado, venho percebendo que nem todos os trabalhos estabelecem uma integração das técnicas de análise musical com uma experiência musical suficientemente sedimentada ou musicalmente atenta do analista. Será isso fruto de um recuo do artista frente ao técnico-cientista? Seria uma publicação científica um processo criativo? Seria uma publicação científica um fazer artístico? É possível que exista um diálogo entre o artista e o técnico-cientista, em que prevaleça o primeiro?

O fazer artístico envolve criatividade. No livro *Mentes em Música*, Regina Antunes dos Santos (In: ILARI; ARAÚJO, 2010, p. 91-96) observa que **criatividade** envolve: (1) prazer, “[...] que faz com que os indivíduos sejam perseverantes em suas criações [...]”; (2) curiosidade, que incita as pessoas a imaginar novas possibilidades para velhos problemas; (3) acúmulo de conhecimento, “[...] em sujeitos capazes de usar livremente seu conhecimento [sedimentado] [...]”; (4) envolve habilidade, disciplina; (5) produção não estereotipada; (6) envolve produção criativa, resolução de problemas, pensamento divergente; (6) envolve fluência e flexibilidade de pensamento, originalidade e elaboração. São características reconhecíveis em instrumentistas, cantores, regentes, compositores. Seria desejável que fossem reconhecíveis também em musicólogos, teóricos e analistas musicais?

Em tempos de Google, as referências bibliográficas se ampliam e a memorização de citações verbais se prolifera, sendo ambas valorizadíssimas. Efetivou-se o envolvimento criativo com a leitura e a vivência integral da obra literário-musical? Houve tempo para os momentos de silêncio que viabilizam a intersecção da leitura com a vivência musical? Mesmo em *performances* ao vivo que temos ouvido, temos sentido que houve tempo para o envolvimento do *performer* com o silêncio e o tempo estendido necessário à organicidade da *performance*? É possível termos organicidade musical em nossas publicações sem que exista uma intersecção da leitura da obra na íntegra com uma profunda vivência musical sedimentada? É possível termos organicidade musical em nossas publicações sem que conheçamos o norteamento do pensamento dos teóricos sobre cujas obras nos debruçamos (temos nos debruçado?) assim como conhecemos a obra e o estilo dos compositores das peças que analisamos?

Uma análise musical precisa ser criativa e consequente musicalmente. Precisa ser fruto da curiosidade que germina da percepção humana do músico bem informado. Uma análise musical precisa ser musical.